



Tomás de Aquino e o problema da possibilidade de um universo criado sem um princípio de duração

Matheus Henrique Gomes Monteiro¹

Resumo:

O presente artigo pretende apresentar uma reconstrução do principal problema levantado por Tomás de Aquino no seu opúsculo *De aeternitate mundi*. Nesse sentido, este artigo dá prosseguimento ao projeto de pesquisa que tem como objetivo o estudo das concepções e das argumentações tomasianas concernentes à eternidade e à criação do mundo por Deus. Isso é feito a fim de serem identificados os pressupostos teóricos que permitiram a Tomás de Aquino defender, como ele fez no seu opúsculo *De aeternitate mundi*, a possibilidade de Deus ter criado o mundo com duração eterna. Assim, o projeto pretende esclarecer a existência ou não de uma incompatibilidade entre “ser criado” e “ter sempre existido”, concentrando-se no modo como o Aquinate trabalha conceitos e argumentos para viabilizar, do ponto de vista racional, um mundo criado por Deus desde toda eternidade.

Palavras-chave: Eternidade do mundo. Criação. Aquino.

Abstract:

The present article intends to present the reconstruction of the main problem raised by Thomas Aquinas in his opusculum *De aeternitate mundi*. For this the present article continues the work developed in the research project which has the objective of studying the conceptions and the arguments used by Aquinas and related to the eternity and the creation of the world. This is done in view of identifying the presuppositions that permit Thomas Aquinas to defend (as he did in *De aeternitate mundi*) the possibility of God having created the world with eternal duration. So the project intends to clarify whether there is or not any incompatibility between “being created” and “having always existed” taking focus in the way by which Aquinas uses the concepts and arguments for turning rationally possible a world created by God from all eternity.

Keywords: Eternity of the world. Creation. Aquinas.

O presente artigo tem como objetivo reconstruir o problema pensado por Tomás de Aquino no seu opúsculo *De aeternitate mundi*, problema esse que consiste no seguinte: “ser criado por Deus segundo toda sua substância e não ter um princípio de duração são coisas contraditórias entre si ou não?”². Neste trabalho, pretende-se refazer

¹ Aluno de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Orientador: Prof.ª Dra. Fátima Regina Rodrigues Évora. Email: mhgmonteiro@gmail.com.

² Cf. *De aeternitate mundi*, Opera Omnia, 1976 [77-80]. No presente projeto, irá se usar como sistema de referência aos textos de Tomás de Aquino aquele usado nas edições leoninas (Opera Omnia, 1976). Além disso, há de se adotar a tradução “contradição em termos” para a expressão latina *repugnantiam intellectuum* e suas variações, presentes nos textos originais de Tomás.



o caminho percorrido pelo filósofo para a formulação do problema, nos primeiros parágrafos do opúsculo. Além disso, pretende-se utilizar, dentre outras contribuições investigativas acerca do opúsculo, aquelas fornecidas por Aertsen (1990), De Grijns (1990), Wippel (1981) e Wilks (1994)³, a fim de indicar as dificuldades envolvidas na formulação da questão e, também, para se tentar avaliar até que ponto uma leitura complementa ou critica a outra.

A pergunta de Tomás - se há ou não contradição entre existir eternamente e ser criado - se insere numa discussão que acontecia na época do filósofo, período em que se tinha um renovado acesso aos textos aristotélicos e em que se encontrava nas universidades um ambiente de debates. Como informam Boehner e Gilson (1970)⁴, havia uma disputa entre aqueles que defendiam a possibilidade de se provar a eternidade do mundo (como os averroístas), aqueles que defendiam a possibilidade de se provar o começo do mundo no tempo (como Boaventura), e aqueles que defendiam a impossibilidade de qualquer prova quanto à duração do mundo (como Moisés Maimônides). Associadas a essa discussão estavam as disputas em torno da criação, que partiam de dois grupos: aqueles que defendiam a possibilidade de demonstrá-la (por exemplo Boaventura), e aqueles que defendiam a impossibilidade de demonstrá-la (como Alberto Magno). Tomás de Aquino se insere nessas discussões tomando a seguinte posição: que é demonstrável a criação do mundo por Deus, mas que é indemonstrável se o mundo possui duração eterna ou a partir de um princípio⁵.

No *De aeternitate mundi*, o objetivo de Tomás de Aquino é mais específico embora não tão evidente. De modo geral, o filósofo realiza uma refutação sistemática das razões que impossibilitam a compatibilidade entre a verdade da criação do mundo

³ Aertsen, J. A. *The eternity of the world: the believing and the philosophical Thomas. Some comments*; De Grijns, F. J. A. *The theological character of Aquinas' De aeternitate mundi*; Wilks, I. *Aquinas on the past Possibility of the World's Having Existed Forever. The Review of Metaphysics*; e Wippel, J. F. *Did Thomas defend the possibility of an eternally created world? (The Aeternitate mundi Revised)*.

⁴ Cf. Boehner, P; Gilson, E. *História da Filosofia Cristã*. Tradução e nota introdutória de R. Vier. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1970. p. 462-463.

⁵ Sobre esse ponto, Tomás de Aquino se expressa diretamente no seguinte trecho dos seus *Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo II*, d.1, q.1, a.5: "O terceiro posicionamento é o daqueles que dizem que todas as coisas, fora Deus, começaram a existir, mas que, não obstante, o fato de o mundo ter começado a existir não pode ser demonstrado, mas, antes, é sustentado e acreditado mediante revelação divina. Esse posicionamento está baseada na autoridade de Gregório [...]. Eu concordo com esse posicionamento, pois eu não acredito que nós sejamos capazes de formular um argumento demonstrativo para isso, assim como não podemos fazê-lo no caso da Trindade e, no entanto, é impossível que a Trindade não exista." (*Aquinas on Creation: writings on the Sentences of Peter Lombard, book 2, distinction 1, question 1*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1997. p. 95.)



por Deus e a tese da duração eterna do mundo, mostrando que ao assumir uma coisa não se exclui necessariamente a outra. Contudo, o objetivo desta refutação não é tão óbvia, tal como se pode constatar na divergência entre comentadores como De Grijns (1990) e Aertsen (1990).

Na estrutura do texto tomasiano, o objetivo do opúsculo já é apresentado nas primeiras linhas do seguinte modo: “Uma vez que se admitiu, segundo a fé católica, que a duração do mundo teve um início, levantou-se a dúvida se ele poderia ter existido sempre”⁶.

Sobre esse ponto, De Grijns parte do pressuposto que, uma vez que Tomás inicia a sua discussão partindo da *fides catholica*, então o filósofo cristão se comprometeria com uma discussão teológica, e não filosófica. Para De Grijns, por estar baseado na *fides catholica*, por tratar de temas relacionados à fé e por se preocupar, em alguns momentos, em avaliar a ortodoxia das teses discutidas, Tomás de Aquino teria escrito o *De aeternitate mundi* desenvolvendo uma discussão teológica, que se resumiria em mostrar que, mesmo que o mundo tivesse sempre existido, isso não faria dele um deus⁷.

Aertsen em contrapartida, defende o caráter filosófico do opúsculo. Partindo de uma rápida reconstrução dos argumentos presentes no texto, o autor mostra, contra De Grijns, que Tomás não privilegia o aspecto de Deus em detrimento do mundo, e nem que, por isso, Tomás desejasse mostrar, mesmo que o mundo tivesse sempre existido, que isso não faria dele Deus. Segundo a leitura de Aertsen, Tomás se focaliza tanto em Deus quanto no mundo e, no caso, a pergunta principal do opúsculo não é expressamente aquela apontada por De Grijns, mas é se há contradição entre “ter sido criado” e “ter sempre existido”. Nesse sentido, para Aertsen, a suposição da *fides catholica* não compromete o opúsculo com uma discussão teológica, mas, ao contrário, permite que a *dubitatio* – ou seja, a dúvida, a indagação a respeito da possibilidade do mundo ter existido sempre – seja encaminhada de tal modo que ela não interfira no domínio da fé⁸.

⁶ Cf. *De aeternitate mundi* [1-2].

⁷ “Eu penso que, encaminhando-se ao fim de uma busca longa e muito especial por Deus, seu principal motivo [o de Tomás de Aquino] foi mostrar sua mais importante suposição, que é esta: mesmo o “mundus”, mesmo se ele fosse ilimitado em sua duração, ele nunca seria a “natura Trinitatis”, ou seja, ele nunca seria Deus.” (Livre tradução de De Grijns. *The theological character of Aquinas’ De aeternitate mundi*. 1990. p.7)

⁸ “A suposição da fé não significa definir o caráter teológico da questão e determinar o escopo da discussão de acordo. Ao contrário, a suposição da fé é formulado no sentido de tornar claro que a questão do *De aeternitate mundi* é levantada fora do domínio da fé [...] O começo do *De aeternitate mundi* tem a



Das duas visões apresentadas, o que se pode observar a partir da sentença extraída do opúsculo, “Uma vez que se admitiu, segundo a fé católica, que a duração do mundo teve um início, levantou-se a dúvida se ele poderia ter existido sempre”, é que Tomás deixa claro que, para responder a questão debatida em seu texto (se há contradição entre “ser criado” e “ter sempre existido”), irá se assumir a base da fé católica. Além disso, pode-se notar que o assunto da temporalidade do mundo já tinha sido tratada em outros momentos⁹, e que a motivação de Tomás voltava-se para um ponto bem específico. Já estava claro, a partir da verdade revelada, que o mundo tinha um começo de duração. Então, por que continuar tratando do assunto? Tomás de Aquino apresenta o motivo: porque surgiu a dúvida, apesar de a questão já estar resolvida pela fé¹⁰, se o mundo poderia ter existido sempre

Mas quais as características dessa possibilidade questionada no opúsculo? Wilks (1994) comenta que o emprego do tempo passado expresso em “poderia” (no latim *potuerit*), confere ao termo o caráter de possibilidade anterior a um fato consumado, ao invés de uma possibilidade de um fato já consumado. Concretamente, isso significa que Tomás não estaria se dispondo a discutir se o mundo é ou não eterno (se *pode* ser eterno), mas, sim, se ele podia ser eterno, caso Deus não o tivesse feito com um princípio temporal, ou seja, se *poderia* ser eterno. Um exemplo dado por Wilks é o que se segue:

Se nós disséssemos “era possível que César não tivesse atravessado o Rubicão”, estaríamos apenas afirmando o fato de que César teve a opção de fazer outra coisa que não o que ele fez. Mas, se disséssemos “é possível que César não tenha atravessado o Rubicão”, estaríamos, entre outras coisas, levantando uma dúvida a respeito de algo consideravelmente importante na historiografia romana que diz que ele atravessou.¹¹

função de enfatizar que a “dubitatio” e o ensinamento da fé são de ordens diferentes.” (Aertsen. *The eternity of the world: the believing and the philosophical Thomas. Some comments*. 1990. p.12).

⁹ O que de fato aconteceu na *Suma Teológica* Ia q. 46; *Suma contra os Gentios* II 35-38; *Compêndio de Teologia* I 98-99; *De potentia Dei* 13, 4; *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo* II, 1, 2, a.5.

¹⁰ Segundo indicações de Carroll e Baldner (1997, p. 115), Tomás de Aquino sabia a partir de um decreto do Quarto Concílio Latarense [Fourth Lateran Council] em 1275 que “Firmiter credimus” que Deus é o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, espirituais e corpóreas e que Ele criou os dois tipos de criaturas a partir de um começo no tempo e a partir de nada (*Enchiridion symbolorum*, ed. Heinrich Denzinger [Freiburg: Herder, 1932], §428).

¹¹ Cf. Wilks, I. *Aquinas on the past Possibility of the World's Having Existed Forever*. *The Review of Metaphysics*. p. 303.



A leitura feita por Wilks complementa a leitura feita por Aertsen, na medida em que Aertsen chama a atenção para a discussão da *dubitatio* e que Wilks esclarece a natureza dessa discussão, distinguindo dois níveis de questionamento acerca da possibilidade e destacando que apenas uma foi seguida por Tomás no opúsculo: aquela que pergunta pela possibilidade de uma coisa acontecer, antes que ele tivesse acontecido. Desse modo, a distinção feita por Wilks permite conciliar uma discussão filosófica com a necessidade de se manter a ortodoxia religiosa, pois não se trata de questionar a verdade revelada, mas, sim, de mostrar, a partir de uma avaliação das possibilidades abarcadas pela própria fé, que se pode manter a ortodoxia católica junto com a possibilidade de o mundo ter existido sempre.

Após Tomás de Aquino estabelecer a base de sua discussão e fazer uma primeira apresentação de seu objetivo, ele anuncia ao seu leitor que fará opções de abordagem, discriminando os pontos de concordância que possui com seus debatedores, e os de discordância. Nesse sentido, ele apresenta dois possíveis encaminhamentos da questão inicial (se o mundo poderia ter sempre existido): (i) considerando a possibilidade de o mundo ser incriado e com duração eterna; ou (ii) considerando a possibilidade do mundo ser criado e com duração eterna.

Tomás rejeita a primeira abordagem, pois segui-la seria cogitar a possibilidade de o mundo existir eternamente e independentemente de Deus. Isso, além de contradizer o dogma cristão de o mundo ser criado por Deus, também contradiz, segundo o próprio autor, as conclusões dos filósofos a esse respeito¹². Cabe deixar claro que Tomás não apresenta no opúsculo as teses e argumentações que corresponderiam a essas conclusões, mas neste momento, apenas, as toma como verdadeiras para o prosseguimento da discussão. Outra lacuna deixada por Tomás é que ele não identifica quais sejam esses “filósofos”¹³. De qualquer modo, tem-se claro que Tomás não se contenta em simplesmente apresentar as verdades da fé para encaminhar sua discussão, ele também consulta as razões apresentadas pelos filósofos.

¹² “Se, porém, entender-se que algo além de Deus pôde ter existido sempre, mas como se algo pudesse sê-lo sem ter sido criado por Deus, isso é um erro abominável, não só em relação à fé, mas, também, em relação aos filósofos, que confirmam e provam que tudo o que existe não pode existir a não ser que seja causado por aquilo que possui o ser máxima e verissimamente” (Livre tradução de *De aeternitate mundi* [6-13]).

¹³ Carroll e Baldner (1997) propõem como explicação para isso que, em sua vida, Tomás de Aquino só tinha entrado em contato com textos de filósofos que, de algum modo, endossavam a tese de que o mundo tinha uma causa de existência exterior a ele.



Nesse ponto, a divergência entre Aertsen e De Grijns se resume no seguinte: para De Grijns, a forma como Tomás de Aquino apresenta os filósofos é como um adendo, sinalizado na expressão *etiam*, que no português equivaleria a “também”; desse modo, para De Grijns, Tomás estaria separando os domínios da filosofia e da teologia, destacando que a filosofia é apenas uma contribuição à discussão e não a sua natureza¹⁴; para Aertsen, Tomás de Aquino faria de fato uma distinção, mas não para reafirmar o caráter teológico comprometido com a *fides catholica*, mas, sim, no sentido de reafirmar a distinção entre os domínios. A leitura de Aertsen parece estar no sentido de afirmar que Tomás de Aquino fez um esforço em impedir que se confundisse a discussão do opúsculo com uma discussão filosófica descomprometida com a fé, ou mesmo com uma discussão teológica que tratasse especificamente dela.

Na estrutura do texto, Tomás encaminha a questão “poderia o mundo ser eterno?” sob a condição de ela admitir a verdade da criação, que é não só ensinada pela fé, como atestada pelos filósofos. Mais, especificamente, caso o mundo possa ser eterno, só poderá sê-lo se, além de isto ser afirmado com a criação, também houver razões que o viabilizem do ponto de vista racional. Sob essas condições, Tomás apresenta a questão: é possível que Deus crie algo eterno?¹⁵

O filósofo medieval pretende responder a essa pergunta invertendo-a, de maneira que, para provar que é possível, provará que não é impossível, ou seja, pretende-se provar que algo é possível por meio da negação de sua impossibilidade.

Nessa perspectiva, poder-se-ia esperar que Tomás, ao lidar com a proposição “É impossível que Deus crie algo eterno”, assumisse um procedimento mais simples, como o de apontar um caso na realidade que contradissesse o que é descrito na proposição. Na prática, isso significaria que Tomás teria que apontar uma ocorrência de coisa eterna e criada na realidade para desmentir a impossibilidade e, assim, afirmar a possibilidade. Contudo, além de tal procedimento não ser adequado para a presente questão, esse não é também o procedimento que Tomás de Aquino assume. Como ficará evidente no prosseguimento do presente estudo, para avaliar a necessidade da impossibilidade, Tomás fará um exercício de identificar as condições de impossibilidade e examinará se, no caso de um mundo criado e sem princípio de duração, essas condições são contempladas ou não.

¹⁴ Cf. De Grijns, F. J. A. *The theological character of Aquinas' De aeternitate mundi*. 1990. p. 3.

¹⁵ Cf. *De aeternitate mundi* [13-16].



Dessa maneira, as discussões que Tomás desenvolve no decorrer do *De aeternitate mundi* tomam, em parte, a seguinte direção: avaliar se as razões ou condições que são oferecidas para justificar a impossibilidade de o mundo ser criado e existir eternamente se aplicam, de fato, ao objeto de discussão considerado. Mas que razões pretendem justificar a impossibilidade de Deus criar um mundo eterno?

No opúsculo, Tomás apresenta duas razões que endossariam a impossibilidade: por causa de alguma deficiência de Deus ou por causa de alguma contradição implicada na criação de algo eterno. Sobre esse ponto, o comentário de Wippel (1981, p.26) a respeito do *De potentia* 13, 4¹⁶, contribui para se ter mais clareza quanto ao que seriam as alternativas pensadas por Tomás de Aquino no *De aeternitate mundi* para discutir a possibilidade de um mundo criado e eterno.

Tirando seu pretexto da Metafísica V de Aristóteles, Tomás de Aquino observa que uma coisa pode ser dita como sendo possível em razão de alguma potência ou em razão de potência nenhuma. No primeiro caso, uma coisa é possível em razão de um *poder* ou *potência* ativa (é possível para um construtor construir alguma coisa porque ele tem um poder ativo), ou em razão de uma *potência passiva* (é possível para a madeira ser queimada). No último caso, quando uma coisa é dita como sendo possível em razão de nenhum poder ou potência, a palavra “possível” pode ser aplicada *metaforicamente* – como quando, em geometria, refere-se a uma linha como um poder racional-, ou pode ser aplicada em *sentido absoluto* – como quando dois termos de uma proposição são incompatíveis um com o outro.

À luz dessa explicação, a primeira das alternativas apresentadas no opúsculo para justificar a impossibilidade de Deus criar um mundo que sempre existiu seria uma alternativa que pensaria a possibilidade a partir da potência ativa de Deus. Na estrutura do texto, o que se pensa é a impossibilidade por meio de uma incapacidade de Deus, ou seja, por meio da afirmação de que Deus não pode criar coisa alguma com duração eterna porque falta algo ao Seu poder para que pudesse fazer isso. Essa justificativa é recusada por Tomás porque contradiz o “poder infinito de Deus”. Isso pode significar que, se há um questionamento acerca da impossibilidade de algo existir e se justifica isso numa deficiência de Deus, há uma violação do princípio aceito por todos, que diz que Deus é onipotente.

¹⁶ Em seu artigo “Did Thomas defend the possibility of an eternally created world?”, Wippel comenta o *De potentia* 3, 14 e faz uma comparação com a estrutura do *De aeternitate mundi*.



Isso pode significar também que se um mundo eternamente existente não pode ser feito é porque não há coisa alguma que tenha poder para fazê-lo. Mas a questão é que nenhum ser é capaz de criar coisas a não ser Deus, o que levaria novamente a questionar se faltaria algo no poder criador de Deus Ele para criar um mundo eterno. Contudo, nada falta ao poder de Deus, ou seja, ele é onipotente. Desse modo, afirmar que algo não pode existir, não poderia concernir ao poder de Deus, a *potência ativa*, mas a questão concerne à própria coisa, considerada nela mesma.

Além da recusa da abordagem a partir da potência ativa, há dois esforços de Tomás a se destacar: (i) garantir a onipotência de Deus e (ii) discutir a impossibilidade de um mundo criado e eterno, a partir de si próprio. Assim, cabe mostrar “se é possível ser feita uma coisa que sempre existiu”, avaliando-se essa possibilidade a partir das outras alternativas, apontadas por Wippl, a saber: a partir da potência passiva, ou a partir de nenhuma potência.

Na estrutura do texto do *De aeternitate mundi*, Tomás prossegue a discussão referindo-se a um argumento que pretende provar que um mundo com duração eterna não poderia ser feito por causa da não existência de uma potência passiva pré-existente ao vir-a-ser das coisas.

Antes de citar esse argumento, cabe explicitar as razões que por ele são pressupostas para realizar sua refutação¹⁷. Essas razões são as que se seguem: para o mundo eterno existir é necessário que, antes de efetivamente existir, possa existir; o mundo só pode existir se houver algo que permita ele existir, ou seja, alguma potência a partir de que o ser do mundo procedesse; se um mundo puder existir em virtude de uma potência que viabilize a sua passagem de não-ser para ser, então essa potência será a base para o vir-a-ser do mundo e, por isso, ela mesma não viria-a-ser; isso implicaria que a potência passiva é eterna e que ela é condição, em certo grau, imprescindível para a criação do mundo.

Uma vez esclarecidos esses pontos, segue-se a reprodução do argumento apresentado por Tomás:

¹⁷ Trata-se de uma estrutura argumentativa reconstruída a partir da comparação entre o argumento (apresentado na seqüência), que está presente no *De aeternitate mundi*, e os argumentos apresentados por Tomás de Aquino no *Compêndio de Teologia I*, capítulos 99, que concerne acerca da eternidade da matéria.



Do primeiro modo, poder-se-ia dizer que, antes de um anjo ser feito, o anjo não pode ser feito, pois não pré-existe em relação a seu ser nenhuma potência passiva – uma vez que ele não foi feito a partir de uma matéria prejacente. Todavia, Deus podia fazer o anjo, poderia ainda fazer com que o anjo fosse feito, pois Deus o fez e o anjo foi feito. Assim entendido, portanto, é concedido segundo a fé, simplesmente, que o ser criado não pode existir eternamente, pois afirmar isso seria afirmar que a potência passiva sempre existiu, o que é herético.¹⁸

O movimento argumentativo apresentado por Tomás, no *De aeternitate mundi*, se dá do seguinte modo: para o anjo existir é necessário que haja a possibilidade de ele existir, antes mesmo de existir; no caso, ele só pode existir se houver algo que permita ele existir; caso o anjo possa existir em virtude de uma potência passiva, o anjo não pode existir, porque a potência passiva que existe é o que se entende por matéria e os anjos são imateriais. No entanto, essa pretensa impossibilidade de o anjo ser feito não se verifica, pois Deus fez o anjo, o que significa que Deus tinha poder para criá-lo, o que, por sua vez, significa que era possível de o anjo ser feito.

Uma das primeiras dificuldades que se pode ter frente a esse argumento é a apropriação que Tomás de Aquino faz da tese da existência dos anjos. Num primeiro momento, parece que o argumento de Tomás depende inteiramente de ele assumir que os anjos existem, mas esse não precisa ser o caso. As questões que são fundamentais são (i) a necessidade de existir uma potência passiva para o mundo existir e (ii) a possibilidade, que dela se extrai, de o mundo ser eterno porque a potência passiva é eterna.

Nesse contexto, o caso dos anjos só vem a esclarecer que uma potência passiva não é o bastante para que alguma outra coisa exista. Isso porque, como a própria noção dá a entender, uma potência passiva não age para a produção de coisa alguma, ela apenas sofre a ação de outro tipo de potência. Desse modo, caso se entenda que o mundo pressupõe uma ordenação e que, por isso, ela é algo mais do que matéria, então não basta supor uma potência passiva como a matéria para afirmar que o mundo pode existir, pois, enquanto potência passiva, a matéria não pode produzir a ordenação que é

¹⁸ Cf. *De aeternitate mundi* [30-39].



pressuposta para a produção do mundo, uma ordenação que só Deus produz enquanto potência ativa¹⁹.

Dessa maneira, o argumento atinge precisamente a necessidade da potência passiva para a existência de alguma coisa, como o mundo, e, por conseqüência, a necessidade de sua eternidade. E se não há necessidade do ponto de vista racional, a questão é uma questão cuja resposta é “concedida segundo a fé simplesmente”. No que concerne à fé, insistir na defesa da eternidade do mundo é afirmar a existência de uma potência passiva eterna, incriada e que é condição suficiente para a produção do mundo, ferindo os princípios de que Deus é anterior a todas as coisas, criador de todas elas e condição última para sua existência. Nesse sentido, defender a eternidade do mundo seria herético²⁰.

Na seqüência, Tomás de Aquino acrescenta que, mesmo se reconhecendo a falsidade em que se pode cair ao assumir a prejacência da matéria, isso não implica na impossibilidade de ser feito um mundo com duração eterna. Isso pode ser justificado pelo seguinte. O argumento anterior atinge apenas a afirmação de que a potência passiva seja necessária ou mesmo suficiente para que o mundo pudesse existir, deslocando a discussão novamente para a relação do mundo com sua potência criadora que é Deus. Nesse caso, mesmo que a potência passiva compromettesse o mundo com certo tipo de temporalidade (que seria a eternidade), isso não significaria que a criação de Deus, que produz todas as coisas sem precisar recorrer à matéria, devesse comprometer o mundo com o tipo de temporalidade oposta, como tendo um princípio no tempo. Como não recorre a nada mais para produzir o mundo, Deus bem poderia criar o mundo com ou sem um princípio de duração. E uma vez descartada a *possibilidade* a partir da potência passiva, resta a Tomás, conforme a explanação feita por Wippel, avaliar a existência ou não de uma contradição entre as noções de “ser criado” e “existir eternamente”.

¹⁹ A esse respeito, Tomás de Aquino assim se expressa no *Compêndio de Teologia* (trad. Baraúna, 1973, p. 104): “Mesmo que o dizer que era possível que o mundo passasse a existir implicasse potência, não se trataria necessariamente de uma potência passiva, mas de potência ativa, isto é: concluir-se-ia apenas que era possível que o mundo passasse a existir, no sentido de que Deus podia criar o mundo antes que esse existisse na realidade”.

²⁰ Wilks (1994, p. 312) enfatiza a relação desse ponto com a doutrina da criação *ex nihilo*, de modo que, o argumento da necessidade da potência passiva é inadequado, porque gera uma absurdo dentro da lógica segundo a qual o mundo é produzido por Deus *ex nihilo*, ou seja, a partir do nada. Nesse sentido, o argumento afirmaria uma condição (que seria a matéria) para a produção das coisas por Deus, e se esse fosse o caso, não poderia haver criação - que pressupõe o *ex nihilo*.



Nesse caso, Tomás faz referência a certas pessoas que defendiam que um mundo eternamente existente não poderia ser feito porque “ser criado” e “ter sempre existido” são coisas contraditórias, o que significa dizer que “ter sempre existido” é a negação de “ser criado”, podendo essas coisas significar presença ou ausência de um princípio de duração, ou mesmo ter ou não sido criado e, nesse sentido, assumindo que Deus não pode criar coisas contraditórias, um mundo assim não poderia ser feito. Em contrapartida, Tomás também faz referência à posição daqueles que achavam possível a criação de um mundo eterno, mesmo que “ser criado” e “existir eternamente” fossem contraditórios, pois Deus poderia fazer coisas contraditórias.

Em meio a esse debate, Tomás de Aquino assume uma posição, de certo modo, conciliadora. Ele recusa a verdade da afirmação de que Deus possa fazer coisas contraditórias, pois qualquer afirmação que se faça a respeito dessa coisa já é contradita na sua enunciação, de modo que uma coisa contraditória seria coisa nenhuma²¹. Contudo Tomás admite que, mesmo se alguém sustentasse a tese de que Deus pode fazer coisas contraditórias, isso em nada afetaria a integridade da fé cristã, pois, “grandes homens disseram piamente que Deus pode fazer do passado uma coisa não passada, e isso não foi considerado herético”²². A partir disso, nota-se que Tomás neutraliza do ponto de vista da fé a discussão acerca da impossibilidade do mundo ter duração eterna a partir de uma contradição entre “ser criado” e “existir eternamente”²³. A fé é quem decide sobre a temporalidade do mundo - cabe lembrar. Porém, a fé apenas dá a solução, mas não diz nem se é possível demonstrá-la racionalmente, nem aponta o modo pelo qual isso é possível.

Portanto deve-se verificar se há contradição em termos entre as duas coisas: que algo seja criado por Deus e que, no entanto, exista eternamente. Seja qual for a verdade disto, não será herético dizer que isso pode ser feito por Deus, como se algo tivesse sido criado por Deus eternamente. Creio, no entanto, que, se houvesse contradição em

²¹ “Outras pessoas dizem com verdade que Deus não pode fazer isso [uma coisa contraditória], pois isso nada é. Porém, é manifesto que não se pode fazer com que uma coisa contraditória consigo mesma seja feita, pois a afirmação, pela qual o ser é afirmado, destrói a si própria.” (Livro tradução de *De aeternitate mundi* [46-50])

²² Cf. *De aeternitate mundi* [59-61].

²³ Wippel (1984) concorda com esta conclusão, como se pode observar em seu comentário “[...] ele [Tomás de Aquino] parece estar desarmando os seus oponentes na faculdade teológica, sugerindo adiante que a posição mais forte, pela qual ele está disposto a discutir (a possibilidade de um mundo eternamente criado), não é herética, seja verdadeira ou falsa” (*Did Thomas defend the possibility of an eternally created world? The Aeternitate mundi Revised*. Journal of the History of Philosophy. p. 31).



termos, seria falso. Mas, se não há contradição, não só isso não é falso, como também não é impossível. Diferentemente, seria errado afirmar outra coisa.²⁴

A partir desse trecho, pode-se apurar a compreensão acerca do tratamento que o filósofo medieval tem em relação à questão da impossibilidade de um mundo eterno e criado por Deus. No caso, Tomás de Aquino propõe verificar a existência ou não de contradição entre “ser criado” e “existir eternamente”, fazendo a ressalva de que nesse momento não se trata de uma questão de fé, mas de razão. Nesse sentido, Tomás está livre para assumir sua posição contrária a possibilidade de Deus fazer uma coisa contraditória. Assim, se houver contradição entre os termos acima citados, um mundo com duração eterna não poderia ser feito. Mas, na circunstância de não haver contradição nenhuma, não só não haveria contradição, como um mundo desse tipo poderia ser feito²⁵.

Com base nessas conclusões de Tomás, Wippel (1984) oferece algumas evidências para afirmar que Tomás, de fato, defendia a possibilidade de o mundo ser eterno²⁶. Estaria Wippel em desacordo com a avaliação de Wilks, vista inicialmente? Não necessariamente.

No seu artigo “*Did Thomas defend the possibility of an eternally created world?*”, Wippel faz uma aproximação entre Tomás de Aquino e Giles de Roma. Para Wippel, Tomás defendeu as três proposições pensadas por Giles acerca da temporalidade do mundo: (1) que a eternidade do mundo não tinha sido demonstrada; (2) que ela não podia ser demonstrada; (3) que um mundo eterno era possível. Segundo Wippel, uma evidência quanto à defesa da terceira proposição seria a seguinte afirmação do filósofo: “Mas, se não há contradição, não só isso não é falso, *como também não é impossível*.”²⁷. Mas, com base neste texto, poderia Tomás estar afirmando, segundo as palavras de Wilks, que o mundo *pode* ser eterno, ou seja, que ele

²⁴ Cf. *De aeternitate mundi* [62-71].

²⁵ Para maiores informações sobre esse ponto, conferir os comentários de Wippel (1984, p.32-36) sobre as dificuldades que emergem das variações textuais presentes nos manuscritos.

²⁶ “Retornando ao assunto central da nossa investigação, parece que, no *De aeternitate mundi*, Tomás teria defendido todas as três proposições tal como formuladas por Giles de Roma. Não somente nenhuma pessoa tinha demonstrado que o mundo começou a existir, não só isso não pode ser demonstrado, como, também, um mundo eterno é possível.” (Livre tradução de Wippel, J. F. *Did Thomas defend the possibility of an eternally created world?* (The Aeternitate mundi Revised). *Journal of the History of Philosophy*. p. 32.)

²⁷ Cf. *De aeternitate mundi* [70-71]. Destaque nosso.



pode efetivamente ser eterno? Esse não poderia ser o caso. Se Tomás realmente cogitasse se “o mundo pode ser eterno”, ele estaria questionando o próprio suposto “segundo a fé católica” que ele mesmo assumiu no início do opúsculo, suposto esse que afirma que o mundo começou a existir, ou seja, teve um começo no tempo.

Desse modo, a fim de se manter uma coerência interna ao texto, quando Tomás de Aquino afirma algo sobre “não ser herético”, ele não poderia tê-lo feito a respeito da possibilidade do mundo ser efetivamente eterno, mas, conforme aquilo que o próprio texto deixa claro, ele o faz a respeito da possibilidade de Deus criar uma coisa contraditória.

Mas como, então, entender que um mundo eterno não é impossível? Uma alternativa é afirmar a possibilidade conforme as especificações feitas por Wilks: era possível que Deus tivesse feito um mundo eterno, caso esse fosse o seu desejo; e isso porque, no presente caso, independentemente de ser verdadeiro ou falso que “ser criado” e “ter sempre existido” são coisas contraditórias, não seria herético dizer que Deus poderia criar coisas contraditórias.

Na estrutura argumentativa do texto, outro detalhe que pode ser destacado é que, caso Tomás de Aquino mostre que não é necessário uma contradição entre “ser criado” e “existir eternamente”, ele não só viabilizará um caminho para se pensar um mundo eterno, como também evitará que a questão caia na discussão acerca da possibilidade de Deus criar ou não coisas contraditórias. Pois então um mundo eterno enquanto possível, Deus poderia fazê-lo, e nesse caso, quem ainda sustentasse que Deus não poderia fazê-lo, incorreria no erro de depreciar a onipotência divina.

Em acréscimo a essa observação, pode-se pensar que, quando Tomás de Aquino diz “deprecia manifestadamente a onipotência de Deus quem diz ter conhecimento de algo nas criaturas que não possa ser feito por Deus”²⁸, ele pode estar se referindo a um procedimento de argumentação. Isso é importante porque, sob certa análise, sugere que, bastando se identificar um caso concreto entre as criaturas em que se observe alguma disposição que está também pressuposta nas disposições inerentes à criação de um mundo eterno por Deus, então Deus também poderia ter essa disposição na sua relação com o mundo, já que Deus é mais elevado e mais perfeito que suas criaturas.

²⁸ Cf. *De aeternitate mundi* [73-75]



Essa leitura faz sentido, levando-se em consideração que Tomás de Aquino antecipa uma possível objeção a sua proposta, a de que não é necessário que Deus possa fazer o que existe entre suas criaturas porque, entre às criaturas, existe o pecado e, apesar disso, Deus não pode ser causa do pecado, já que não pode ser causa do mal. Contudo, para Tomás isso não é um problema verdadeiro, pois, para o filósofo, o pecado é o mesmo que não-ser ou que privação de uma perfeição, de maneira que, dado que Deus só produz o que é ser e o que é possível, não faz sentido dizer que ele não pode fazer o não-ser.

Depois da observação, Tomás de Aquino chega ao problema a respeito de que, segundo ele próprio, consiste toda a questão discutida em seu opúsculo: “Dessa maneira, nisto consiste a questão toda: ser criado por Deus segundo toda sua substância e, não ter um princípio de duração, são coisas contraditórias entre si ou não?”²⁹.

Considerando-se os comentários feitos até o presente momento por Aertsen, De Grijns, Wilks e Wippel, pode-se dizer que a formulação da questão do *De aeternitate mundi* passa, fundamentalmente, pelos seguintes pontos: assegurando-se, conforme a fé católica, que mundo começou a existir a partir de um momento, questiona-se, para além do domínio da fé e por isso sem conflito com ela, se o mundo *poderia* ter existido sempre *no caso de* ser compatível que esse mundo “tenha sido criado” e que ele “tenha sempre existido”. Contudo, apesar de formulada a questão e de se ter esclarecido, para ela, um tipo adequado de possibilidade – coerente com a suposição da fé -, ainda persistem as seguintes dificuldades: a que domínio de discussões pertence o questionamento central do *De aeternitate mundi*? Ao teológico ou ao filosófico? Seriam as razões de De Grijns tão frágeis quanto parecem num primeiro momento? Uma das saídas para responder essa questão pode ser a apontada por Aertsen (1990, p. 10) “[...] o conteúdo e a intenção do escrito devem ser levados em consideração”, e desse modo trilhar o seguinte caminho (AERTSEN, 1990, p.11-12): (1) apresentar os argumentos de Tomás de Aquino no *De aeternitate mundi*; (2) comparar com outros textos onde tratou do assunto; (3) extrair as conclusões pertinentes ao entendimento da *dubitatio* e da natureza do opúsculo.

Referências

²⁹ Cf. *De aeternitate mundi* [77-80].



- AERTSEN, J. A. *The eternity of the world: the believing and the philosophical Thomas. Some comments.* In.: Wissink, J. B (ed.). *The eternity of the world in the thought of Thomas Aquinas and his contemporaries.* Leiden: E. J. Brill, 1990. p. 9-19.
- AQUINAS, T; BALDNER, S. E (co-aut.); CARROLL, W. E (co-aut.). *Aquinas on Creation: writings on the Sentences of Peter Lombard, book 2, distinction 1, question 1.* Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1997.
- AQUINO, T. *Compêndio de Teologia.* Trad. L. J. Baraúna. Coleção Os Pensadores. v. VIII. São Paulo: Abril S.A., 1973.
- _____. *De aeternitate mundi.* Trad. J. M. Costa Macedo. Mediaevalia: Textos e Estudos. v.9. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1996.
- _____. *On the eternity of the world.* Trad. C. Vollert. Milwaukee: Marquette University Press, 1984.
- _____. *Opera Omnia.* Iessu Leonis XIII P. M. Edita. Roma: Editori di San Tommaso, 1976.
- BOEHNER, P; GILSON, E. *História da Filosofia Cristã.* Tradução e nota introdutória de R. Vier. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1970.
- DE GRIJS, F. J A. *The theological character of Aquinas' De aeternitate mundi.* In.: Wissink, J. B (ed.). *The eternity of the world in the thought of Thomas Aquinas and his contemporaries.* Leiden: E. J. Brill, 1990. p. 1-8.
- WILKS, I. *Aquinas on the past Possibility of the World's Having Existed Forever.* The Review of Metaphysics. v. 48, n. 2, p.299-329. dec. 1994.
- WIPPEL, J. F. *Did Thomas defend the possibility of an eternally created world? (The Aeternitate mundi Revised).* Journal of the History of Philosophy. v. 29, p. 21-37. 1981.